



III SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE URBANIZAÇÃO DE FAVELAS - URBFAVELAS
Salvador - BA - Brasil

UM TRIPLO GRAU DE ALTERIDADE: REPRESENTAÇÕES MÍDIATICAS SOBRE MIGRANTES
DA ÁFRICA CENTRAL NAS FAVELAS DO RIO DE JANEIRO

Nicolas Quirion (IPPUR/UFRJ) - nicoquirion@gmail.com

Mestre em Política, Espaço e Sociedade pela Universidade Rennes II (França). Doutorando no Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPPUR/UFRJ). Bolsista CNPq.



UM TRIPLO GRAU DE ALTERIDADE:
REPRESENTAÇÕES MÍDIÁTICAS SOBRE MIGRANTES DA ÁFRICA
CENTRAL NAS FAVELAS DO RIO DE JANEIRO

RESUMO:

No âmbito de uma pesquisa de doutoramento sobre as trajetórias de diferentes grupos de migrantes estabelecidos nas favelas da cidade do Rio de Janeiro, realizei um levantamento das matérias jornalísticas publicadas na imprensa brasileira que abordaram (de maneira central ou periférica) a questão dos africanos morando em favelas do Rio de Janeiro. Aqui, examino mais atentivamente o caso dos angolanos presentes em certas localidades do complexo de favelas de Maré e dos congoleses vivendo em Brás de Pina, na favela Cinco Bocas, todas na Zona Norte da Cidade. Chegados ao Brasil muitas vezes em condições difíceis, a estigmatização desses indivíduos migrantes dentro da sociedade brasileira permanece forte. Atitudes e observações discriminatórias contra esses migrantes, aos quais é frequentemente atribuída uma africanidade indesejável, podem vir tanto do exterior como dos próprios moradores “nativos” das favelas em questão. A imprensa é considerada aqui como uma fonte de representações sobre as favelas e seus habitantes que corresponde a um “olhar de fora”. O levantamento a seguir não pretende ser exaustivo, senão representativo; visando dar sustento ou confrontar a hipótese de um caso paradigmático de interseccionalidade enfrentada no Brasil por esses migrantes, que sofrem discriminação por conta de origens, cor e condição social.

Palavras-chave:

Migração. Discriminação. Racismo.

ST – 5: Outras Práticas Sociais em Favelas, Bairros e Assentamentos



1 INTRODUÇÃO

De alguma forma — e este fato certamente não é alheio à sua má reputação — a favelacarioca sempre tem sido refúgio de "migrantes". Tal foi o caso, à escala intra-urbana, quando no início do século XX grandes reformas expulsaram autoritariamente os habitantes mais precários dos "cortiços" obrigando-lhes a construir massivamente casas improvisadas nas encostas dos numerosos morros que fragmentam o espaço urbano local¹ (ABREU; VAZ, 1991). Um segundo movimento amplo, iniciado durante a fase de desenvolvimento industrial acelerado por volta dos anos 1950, levou durante várias décadas um fluxo intenso e contínuo de migrantes econômicos domésticos oriundos da região Nordeste, geralmente fugindo das secas e da pobreza de áreas rurais negligenciadas pelas autoridades.

Mais recentemente, foi possível ter conhecimento da existência de movimentos migratórios internacionais dirigidos, de maneira fragmentária, até as favelas cariocas. Quantitativamente marginal, difuso, complexo de acompanhar, o fenômeno dos não brasileiros com um endereço nas favelas tem sido objeto de poucos estudos até agora. Para meus propósitos, optei por focar sobre dois grupos de migrantes internacionais que se estabeleceram em diferentes favelas da cidade. Por uma parte, algumas localidades do complexo de favelas de Maré, localizado na Zona Norte da cidade, têm conhecido um importante fluxo de imigrantes angolanos. Essas migrações se inscrevem na continuação de um movimento iniciado no final das guerras coloniais na África lusófona, quando refugiados fugindo das perseguições e da guerra civil se instalaram muito precariamente nessa favela (PETRUS, 2001). Por outra parte, uma importante comunidade de migrantes congolezes se assentou nos últimos dez anos no bairro de Brás de Pina (Zona Norte da cidade), mas particularmente na favela Cinco Bocas (TANNURI, 2010).

No âmbito de uma tese em comunicação, Campos (2015) estudou “a construção da imagem e papel social dos estrangeiros pela imprensa”, pela análise de aproximadamente 200 matérias jornalísticas produzidas entre 1808 e 2015. Para ele

¹É pertinente destacar que os moradores dos cortiços como das favelas eram na maioria dos casos eles mesmo descendentes diretos dos “migrantes forçados” que foram os africanos deportados pelo sistema escravocrata.



A manipulação, a omissão, a seletividade e a ênfase do jornalismo aqui analisado, antes de elementos negativos, nos apresentam uma insuspeita narrativa dos usos políticos da imprensa brasileira que, por um lado, causa muitas vezes espanto entre as atuais gerações e, por outro, nos alerta para os riscos da estigmatização, da discriminação e da xenofobia (Campos, 2015, p. 15).

A revisão do material jornalístico produzido em relação aos sujeitos em foco na minha pesquisa dará uma oportunidade de verificar a pertinência desta hipótese — ou seus matizes e modalidade de aplicação. Para tal efeito, foram selecionadas e analisadas, no total, 16 matérias. Nelas, o complexo de favelas de Maré totaliza dez menções, nas quais foram ocasionalmente especificadas as localidades de Vila do João (seis vezes), Vila do Pinheiro (três vezes) e Nova Holanda (três vezes). Do outro lado, a favela de Cinco Bocas foi mencionada quatro vezes, sendo que duas matérias citaram apenas o bairro de Brás de Pina, sem explicitar se se tratava da favela — embora possamos razoavelmente supor que seja o caso.

Figura 1: levantamento das matérias de imprensa

Titulo	Mídia/Agência	Data de publicação	Favelas mencionadas	Origem do(s) estrangeiro(s)	Link
Angolanos temem represálias e querem deixar o Complexo da Maré	Diário do Grande ABC	08/02/2000	Vila do Pinheiro, Vila do João, Nova Holanda	Angola	http://www.dgabc.com.br/Noticia/164417/angolanos-temem-represalias-e-querem-deixar-o-complexo-da-mare
Investigação de angolanos intimida favela	Folha de São Paulo	09/02/2000	Vila do João, Nova Holanda	Angola	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0902200025.htm
Um pedaço de Angola na Vila do João	Jornal do Brasil	28/04/2002	Vila do João	Angola	http://www.consciencia.net/etnicidade/africanos_vila_joao.htm
Angolanos que fugiram da guerra enfrentam fogo cruzado	Repórter Brasil	05/08/2005	Vila do João, Vila do Pinheiro	Angola	http://www.consciencia.net/etnicidade/mare_angolanos.htm
Ligação de angolanos com o tráfico é provada	O Globo	15/12/2006	Nova Holanda	Angola	https://oglobo.globo.com/rio/ligacao-de-angolanos-com-trafico-provada-4538796
Um pedaço do Congo no Rio	Folha de São Paulo	02/08/2009	Cinco Bocas	Congo	https://www.geledes.org.br/um-pedaco-do-congo-no-rio/
Angolano é preso pela PM no Complexo da Maré	Extra Globo	15/06/2011	Vila do João	Angola	https://extra.globo.com/casos-de-policia/angolano-presos-pela-pm-no-complexo-da-mare-2043495.html



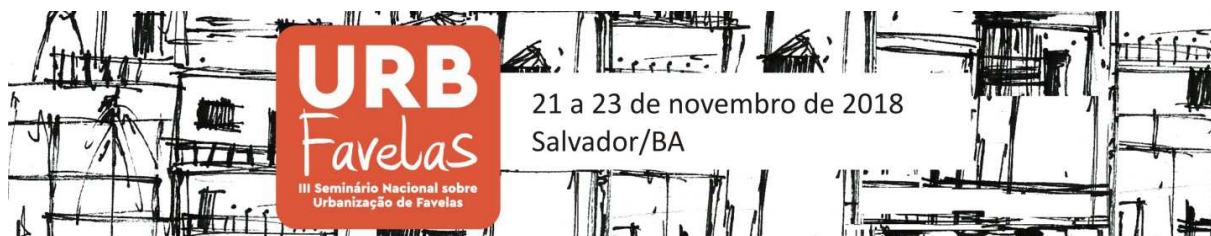
Polícia prende tenente do Exército da Angola no Complexo da Maré, no Rio	Notícias R7 + Vídeo Balanço Geral	16/06/2011	Vila do João	Angola	http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/balanco-geral-rj/videos/policia-prende-tenente-do-exercito-da-angola-no-complexo-da-mare-no-rio-20102015
Duas Cervejas e a Conta com Badharó	O Globo	17/02/2013	Complexo de Maré	Angola	https://oglobo.globo.com/rio-duas-ervejas-a-conta-com-badharo-7589867
Enraizados em Brás de Pina há uma década, congoleses têm espécie de QG no bairro	O Dia	09/09/2014	Brás de Pina	Congo	https://odia.ig.com.br/ conteudo/noticia/rio-de-janeiro/2014-09-08/enraizados-em-bras-de-pina-ha-uma-decada-congoleses-tem-especie-de-qg-no-bairro.html
O sofrimento silencioso dos refugiados do Congo em Brás de Pina	O Globo	19/06/2016	Cinco Bocas	Congo	https://oglobo.globo.com/rio/o-sofrimento-silencioso-dos-refugiados-do-congo-em-bras-de-pina-19538015
Histórias de angolanas na Maré	Carta Capital	01/08/2016	Vila do Pinheiro	Angola	https://www.cartacapital.com.br/sociedade/historias-de-angolanas-na-mare
Rio de Janeiro registra novo fluxo de refugiados angolanos	Deutsche Welle (DW) Brasil	26/08/2016	Complexo de Maré	Angolanos	http://www.dw.com/pt-002/rio-de-janeiro-regista-novo-fluxo-de-refugiados-angolanos/a-19505729
PF investiga angolano suspeito de falsificar documentos e enviar ilegalmente crianças do Rio para fora do Brasil	G1	22/04/2018	Cinco Bocas	Angola	https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/pf-investiga-angolano-suspeito-de-falsificar-documentos-e-enviar-ilegalmente-criancas-do-rio-para-fora-do-brasil.ghtml
PF apura se mais de um angolano enviou crianças de forma irregular ao exterior pelo Galeão	G1	23/04/2018	Cinco Bocas	Angola	https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/pf-apura-se-mais-de-um-angolano-enviou-criancas-de-forma-irregular-ao-exterior-pelo-galeao.ghtml
Zola Star: músico africano cria rede de imigrantes no Brasil	EBC	12/04/2018	Brás de Pina	Congo, Angola	http://tvbrasil.ebc.com.br/bravos/2017/10/zola-star-musica-africana-no-brasil

Fonte: autor

2 OS ANGOLANOS DO COMPLEXO DE FAVELAS DE MARÉ

Apesar da metodologia anunciada (uma análise de matérias tiradas de imprensa escrita), irei começar aqui fazendo uma concessão e abrir a secção com uma menção a um documento audiovisual, das realizadoras brasileiras Fernanda Polacow e Juliana Borges.

“*Open arms, closeddoors*” (“Braços abertos, portas fechadas”, 2012, 26’) foca sobre um migrante angolano, cantor de rap e residente do complexo de favelas de Maré: o Badharo.



O documentário abre com um breve texto explicando que as promessas e oportunidades do Brasil atraem uma nova geração de migrantes. No entanto, avisa o texto na tela, eles podem enfrentar lá uma realidade brutal. Enquanto desfilam imagens correspondentes ao cartão postal carioca (vista do Corcovado, Pão de Açúcar, ciclovia da Lagoa, etc.) a voz do personagem principal, Badharó, comenta em off: “A Imagem que tinha do Brasil era outra. Carnaval, praia... Mas quando cheguei, comecei a ver outras coisas”. Em sincronia com a última frase, a câmera passa a mostrar a pequena favela Cerro Corá, embaixo da qual se vê a pista dupla que leva à entrada do segundo trecho do túnel Rebouças — ligando o bairro de Cosme Velho ao Rio Comprido. A ideia sugerida é aquela de uma passagem da beleza e opulência de uma Zona Sul cinematográfica, de um lado, para a carente e caótica Zona Norte, do outro. Na sequência seguinte, aparecem de fato os telhados de outra favela, justo acima dos quais passa um viaduto viário intensamente transitado. No fundo, uma vasta zona industrial cinza, espetada de guias e cisternas de concreto: “O Brasil, do meu ponto de vista, é um dos países mais racistas do mundo”, lança a voz off de Badharo. A câmera está agora em uma rua de Maré. As motos passam no meio das pessoas, e uma rede intensamente intrincada de fios elétricos suspensos entre as casas parece formar um céu baixo e pesado; tal um tampo acima das cabeças dos passeantes. “A minha realidade está aqui. Aqui na favela”, continua Badharo, ligeiramente ronco. “Brasil recebe muitos imigrantes. Norte-americanos, europeus... se dão bem aqui; muito mais do que a gente, que somos angolanos, africanos.”

Enquanto sua imagem aparece enfim na tela, Badharo se apresenta: tem 37 anos, é angolano, mora no Brasil desde 1997. Na sua casa da Maré, ele tem um pequeno estúdio de música, no qual canta e grava canções de rap da sua autoria. Ele narra as dificuldades que teve no início da sua estadia na favela: “Tinha medo da violência (...) todos dias que saía de casa para ir no trabalho, encontrava sempre um cadáver, na esquina. O tempo foi passando e fui me acostumando.”

Ele diz ter se sentido arrependido mais de uma vez de ter vindo ao Brasil. Mas o encontro com Marta, com a qual ele vive e cujos filhos ele adoptou o mantém aqui. A câmera acompanha a esposa de Badharo no salão de beleza, onde o cabelereiro pergunta para ele como foi pela família aceitar o casamento com o angolano. Ela responde, “eu não tenho



família, sou órfã de pai e mãe. Mas agora, se meu pai estivesse vivo ia ser complicado, porque ele não gostava de preto, meu pai era português.” Em outra sequência, um vendedor de material de construção da favela explica à câmera, com a maior naturalidade, que não aceita os cartões dos Angolanos, por ser “tudo clonado”. Ele segue: “Eles não têm endereço, mora cada dia em um lugar... parece tudo mundo um com o outro (...), você nem sabe quem é quem, sério. Cê vai lá, tem nome diferente (...). Só a policia, nem a policia para prender eles, né”.

A polícia sempre soube bem como encontrar os migrantes angolanos, como o vemos a seguir. Petrus (2001, p.92), afirmou em uma nota de rodapé que

Em abril de 1993, algumas notícias sobre a crescente chegada de refugiados africanos ao Brasil foram veiculadas pelos jornais cariocas. Declarações do então prefeito César Maia, exigindo testes compulsórios para detectar o vírus da AIDS entre os africanos, além de uma distribuição dos refugiados por outros estados do Brasil, acabaram por chamar a atenção para a presença majoritária de angolanos entre eles. No início de 1994, os refugiados voltaram às páginas dos jornais, quando mais de cem deles invadiram o Palácio São Joaquim, sede da Cáritas, protestando contra a baixa ajuda de custo que recebiam do ACNUR e em busca de soluções para diversos problemas (...). Em fevereiro de 2000, os já citados episódios ocorridos no Complexo da Maré colocaram os angolanos que vivem no Rio de Janeiro em manchetes de jornais de todo o país e até na imprensa internacional. (PETRUS, 2001, p.92)

Com efeito, um rumor cuja origem permaneceu pouco clara começou a atribuir a um grupo de angolanos da Maré um papel de “mercenários” do tráfico de droga. Dizia-se que esses refugiados adestravam os criminosos da Maré às técnicas de guerrilha urbana, com base na experiência belicosa supostamente adquirida por esses sujeitos durante a guerra civil angolana (1975-2002). Depois de um acontecimento particularmente sangüinário (uma chacina com pelo menos seis moradores e um policial mortos), foram detonadas operações policiais de varredura que alvejavam especificamente os angolanos. Vários deles foram presos. O evento, qualificado pelo advogado Samuel Santana Vida como “um dos maiores escândalos racistas do final do século”² provocou protestos da Embaixada de Angola, seguidas da pressão do Itamaraty, devido à importância de preservar as relações bilaterais

²Em seu texto “Africanos no Brasil: uma ameaça ao paraíso racial”, enviado ao seminário internacional “Migrações Internacionais - Contribuições para Políticas”, da Comissão Nacional de População e Desenvolvimento (CNPd), realizado em Brasília em 6 e 7 de dezembro de 2000.



Brasil-Angola. O então governador do Estado do Rio de Janeiro, Anthony Garotinho, teve inclusive que apresentar um pedido formal de desculpas ao cônsul-geral angolano.

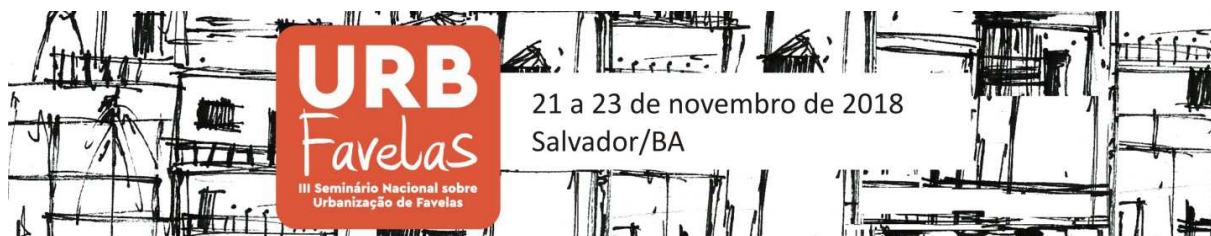
Para ilustrar a repercussão que tiveram os episódios ocorridos no Complexo da Maré na imprensa, escolhi começar com uma matéria tirada do jornal Diário do Grande ABC (08/02/2000), um jornal regional cuja sede é situada no Estado de São Paulo. A reportagem foi realizada uma semana depois que viessem à tona suspeitas de que "mercenários angolanos" tivessem participado do assassinato dos seis moradores da Favela Nova Holanda. A matéria apresenta depoimentos de migrantes "humilhados pela suspeita", que temiam "represálias dos traficantes e a polícia".

Um jovem trabalhador angolano, citado na matéria, afirmou "Não tenho a menor dúvida de que os traficantes vão nos expulsar daqui; já não podemos entrar na Nova Holanda, depois dessas notícias". A matéria coloca em evidência o caráter extremamente confuso das acusações proferidas contra os migrantes angolanos:

Policiais da 21.ª Delegacia Policial (Bonsucesso) divulgaram que os angolanos eram considerados suspeitos de participar da chacina, mas a informação não foi confirmada pelo comandante do 22.º Batalhão, coronel Rosemberg Rodrigues da Silva. "Estou nessa área há dois anos e nunca prendemos angolano nenhum", afirmou.

As ambiguidades e as contradições em relações às suspeitas que pairavam sobre a comunidade angolana da Maré no início dos anos 2000 foram, infelizmente, recorrentes na cobertura midiática do caso. A pesar de certos jornalistas terem mencionado desde cedo a inconsistência das acusações, o episódio contribuíra fortemente e duravelmente à estigmatização do conjunto desta população, dentro e fora da favela.

Na mesma matéria do Diário do Grande ABC, outro depoimento de um jovem angolano jogou uma luz sobre um "mal-entendido cultural" que parece comum na percepção dos angolanos na favela. O "dresscode" relativamente sofisticado utilizado por alguns deles não sempre corresponde ao estilo mais casual e prático habitualmente visto nas periferias cariocas. "Dizem que andamos bem arrumados porque o tráfico paga nossa roupa, mas nos vestimos assim porque faz parte da nossa cultura", deplorou a fonte.



A partir do mesmo acontecimento (a chacina com seis vítimas na Maré), a Folha de São Paulo (09/02/2000) publicou uma reportagem sob o título “Investigação de angolanos intimida favela”. O lide anuncia o tom crítico adotado pela matéria em relação às suspeitas levantadas, segundo as quais angolanos seriam diretamente responsáveis das mortes: “Operação da PM não comprova participação de refugiados no tráfico; policiais estão céticos sobre a suspeita”. A reportagem abre com detalhes sobre a operação de polícia então em curso, na qual os migrantes angolanos eram explicitamente alvejados:

Entre 500 e 700 policiais estão percorrendo as 15 favelas do complexo. Anteontem, um cabo da PM foi morto no local, o que desencadeou a megaoperação. Desde anteontem, 111 angolanos que vivem no complexo foram cadastrados pela PM, e sete teriam sido levados para a Polícia Federal, um deles com documentação falsa, segundo a polícia. Os angolanos iam voluntariamente ao posto para o cadastramento ou eram "convocados para averiguações" pelos policiais, que percorriam as ruas em carros.

Seguem vários depoimentos de migrantes, que tendem a humanizar esses sujeitos e suscitar a compaixão do leitor: “Não somos mercenários, guerrilheiros nem traficantes. Viemos para viver em paz, e essa acusação só vai aumentar o preconceito”, declarou uma fonte; "Refugiado, angolano, negro, morador de favela, alguém acha que é fácil conseguir emprego? Agora ainda sou mercenário? Por conta dessa história dos mercenários, dois colegas nossos foram demitidos”, afirmou outra; “Na minha terra, o povo é mais triste, por causa da guerra. Aqui o povo vive oprimido pela pobreza e pelo desemprego. Mesmo assim, amo esse país. Só quero um emprego”, concluiu uma terceira fonte ouvida pela jornalista.

A reportagem acrescenta ainda um parágrafo com tom crítico em relação à operação detonada contra os angolanos: “Entre policiais, a informação de que guerrilheiros estariam treinando traficantes é vista com ceticismo. O comandante do 22º BPM (Batalhão de Polícia Militar), Rosemberg Rodrigues, disse que tudo "é conversa fiada".”

Apesar das dúvidas levantadas, o “coldcase” voltou à tona em 2006, quando novos elementos da investigação foram revelados. Segundo O Globo (15/12/2006), as suspeitas formuladas seis anos antes procediam, sim. Sob o título peremptório e englobante “Ligação de angolanos com o tráfico é provada”, o jornal afirma que em 2004 um dossiê da Subsecretaria de Inteligência da Secretaria de Segurança teria demonstrado que “angolanos, com experiência na guerra civil em seu país, estariam ensinando táticas de guerrilha a traficantes do grupo de



Paulo César da Silva Santos, o Linho.” Reafirmando assim uma perigosa confusão entre eventuais casos individuais e o conjunto de uma importante população de migrantes, O Globo recordou aos leitores os acontecimentos de fevereiro de 2000, durante os quais “Policiais ocuparam o Complexo da Maré e os angolanos foram os principais alvos da operação”, acrescentando ainda que “O então secretário de Segurança, coronel Josias Quintal, determinou uma investigação sobre a suposta ligação dos refugiados com o tráfico.”

A associação entre angolanos e criminalidade na Maré continuou infelizmente relatada pela grande imprensa durante os anos seguintes, principalmente sob forma de notas, tais como aquela do Extra Globo (15/06/2011), que anunciou “Angolano é preso pela PM no Complexo da Maré”. A nota informava que

Durante patrulhamento de rotina na Favela Vila do João (...) policiais militares (...) prenderam o angolano João José de Araújo, de 43 anos. Ele estava, segundo os PMs, com uma metralhadora calibre 9mm. Durante a ação, houve troca de tiros, mas ninguém ficou ferido. Ainda de acordo com os PMs, João estava em liberdade condicional, pois já tinha sido preso por assalto.

Em outra nota sobre o mesmo caso, o portal de notícias R7 (16/06/2011) relatou que o suspeito era “tenente do Exército da Angola” e “morava há 20 anos no Brasil”. A publicação online venha acompanhada de uma reportagem do programa *Balanço Geral*, de Wagner Montes. No vídeo, o apresentador, “produto da demanda por medidas autoritárias e repressivas de combate ao crime” e um dos principais propagador do discurso de “incitação ao Estado policaresco” no Rio de Janeiro (LAMAS, 2012), comentava o caso:

Saiu de Angola, pra entrar em cana na Maré. (...) Tu vê a situação desse rapaz, ele fugiu de, era tenente do exercito de angolas (sic), saiu lá da casa da Angola, lá de Angola, para vir pro Brasil. Chegou aqui ficou vinte anos aqui, quatro passagens pela polícia, e ainda foi preso com essa arminha. Tu vê a arminha, pequeninha né? Aí não tem jeito....aí meu irmão... não tem jeito... aí, e aí... eeeeeescraaaaaaaacha!

Depois de pronunciar com uma ênfase que pretende ser cômica o celebre bordão (“escracha”), “preferido de Wagner Montes e do público” (LAMAS, 2012, p.55), o jornalista se dirige à imagem do homem, que aparece na tela do estúdio. Ele é negro, magro, algemado; com tique nervoso no rosto e o olhar vazio. O ritual de deboche do suspeito — momento chave deste tipo de programas — é posto em ação por Montes, que conclui da seguinte forma:



“saí dessa vida, que essa vida não leva a lugar nenhum. Tem dois caminhos só: ou a cadeia, ou a vala. Escolhe qual que tu quer, é melhor sair!”.

De forma mais recente, uma nova acusação extremamente grave foi proferida pela imprensa em contra de sujeitos angolanos, desta vez na favela Cinco Bocas, em Brás de Pina. O lide da reportagem do G1 (22/04/2018) afirmou que “A Polícia Federal investiga por que e como um angolano falsificou documentos, conseguiu passaportes e enviou ilegalmente ao menos cinco crianças do Rio de Janeiro para fora do Brasil. A suspeita é que o caso envolva tráfico de pessoas ou prostituição infantil.” O caso, complexo e técnico, envolve um suspeito que, ao longo da reportagem, é sete vezes adjetivado como “angolano” ou designado como “o angolano”; embora a matéria informe que o sujeito “tem status de refugiado no Brasil desde 1994”. No dia seguinte (23/04/2018), o mesmo portal do grupo Globo, o G1, reforçou a teoria de um esquema de tráfico de crianças com um título profundamente ambíguo: “PF apura se mais de um angolano enviou crianças de forma irregular ao exterior pelo Galeão”. As acusações alvejavam de fato apenas uma nova pessoa de origem angolana, embora a formulação possa sugerir a implicação de um número indeterminado de estrangeiros.

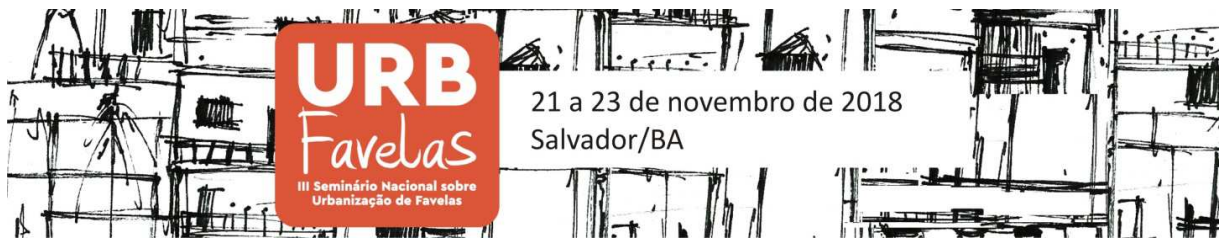
Além desses elementos negativos, a presença dos angolanos nas favelas do Rio também chamou regularmente a atenção de jornalistas dispostos a apresentar uma imagem mais humana deste fenômeno migratório. Assim, o Jornal do Brasil (28/04/2002) publicou uma reportagem que começava mencionando que “O território carioca é, em todo o Brasil, o destino predileto dos imigrantes angolanos (...). Segundo a Polícia Federal, 2.565 deles vivem em situação regular no Estado. Mas estimativas indicam que o número de angolanos no Rio é bem maior”. A jornalista destaca a Vila do João, no Complexo da Maré como lugar principal de residência dos migrantes pobres: “Em solo carioca, é lá que se concentra a maior parte dos angolanos, integrantes de uma colônia predominantemente carente.” Comentando o tema, o diretor da Cáritas, entrevistado na reportagem afirma que “a própria colônia [grifo meu] se encarrega de prestar assistência aos que chegam, o que faz com que a quantidade de imigrantes aumente a cada ano”, antes de dar um perfil do migrante angolano típico, segundo ele: “São jovens com pouco mais de 20 anos, sem qualificação profissional ou oportunidades por causa das guerras travadas em sua nação nos últimos 40 anos.”



A reportagem acompanha em seguida os esforços de um grupo de teatro da Vila do João que utiliza canções em quimbundo, uma das seis línguas étnicas que têm o estatuto de línguas nacionais em Angola. Um dos integrantes do grupo, de 22 anos, à procura de trabalho desde que perdeu o emprego na construção civil, é descrito em termos que remetem à imagem romântica e melancólica do exílio: “Como muitos conterrâneos, Silva passa os momentos de lazer em companhia de outros angolanos, cultivando a saudade e falando das lembranças da terra natal”. Uma das fontes, o cientista social Francisco Cruz, descrito como liderança da comunidade angolana, declara à repórter que “Os angolanos têm fama de desconfiados porque já sofreram muito e, quando ouviram promessas de ajuda, elas não foram cumpridas”.

Em tom parecido, a revista Repórter Brasil (05/08/2005), com o título “Maré de Angolanos”, consagrou uma longa reportagem a esses migrantes, que “fugidos da guerra, muitos como refugiados, vieram encontrar uma vida muito diferente daquela retratada pelas novelas brasileiras que são transmitidas no país africano. Praticamente, trocaram uma guerra civil por outra.” Apesar das decepções e mazelas encontradas no local, o jornalista afirmou que “a Maré é também o ponto de união e identidade daqueles que deixaram família e amigos”. Uma fonte declarou inclusive: “O que me faz ficar é a união. Aqui é a nossa embaixada, é nossa terra”.

A reportagem lembra também as acusações proferidas nos últimos anos contra esta comunidade de migrantes, pois “não foram poucas as vezes em que a mídia fez alusão a pretensas ligações entre eles e o tráfico de drogas”. O jornalista sublinha, no entanto, que “Contra isso, defendem-se em uníssono”, e cita uma fonte: “Quando nós chegamos, a guerra do tráfico já existia havia muito tempo”. O tema da violência policial contra os migrantes é igualmente tratado através de uma anedota contada por uma fonte que, ao voltar de escola, à noite, foi abordada por dois policiais: “Queriam saber se eu estava legalizado, se tinha dinheiro. O mais revoltante foi que o policial branco não fez nada, mas o negro me deu um tapa. Esse ódio ficou marcado dentro de mim”, declarou a fonte, sugerindo assim a ideia — recorrente nos discursos dos angolanos de Maré — de um racismo maior por parte dos próprios sujeitos negros brasileiros. Essa inaceitável e recorrente truculência policial contra os migrantes parece, segundo a reportagem, ter incentivado a criação de uma mobilização



coletiva através “a criação de uma entidade que defendesse os imigrantes e mesmo os negros brasileiros vitimados por essas práticas”. Como explicou o coordenador desta entidade (o Núcleo de Apoio aos Angolanos e Negros do Complexo da Maré): "Queremos inibir o preconceito e nos articularmos para manter o respeito".

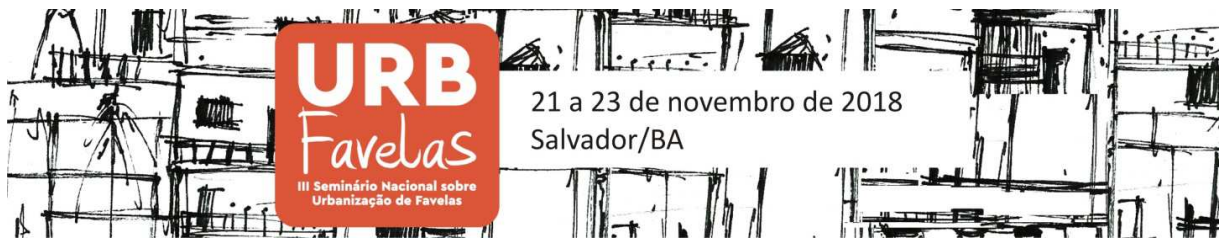
Um amplo parágrafo da reportagem mostra o funcionamento da “*Mukunza*”, isto é o comércio de mercadorias entre Angola e o Brasil, sendo que, segundo o jornalista, “para a esmagadora maioria desses imigrantes, essa é a única forma de geração de renda”.

A última parte da matéria aborda a interessante emulação cultural trazida pela presença angolana, que segundo o jornalista “já está se impondo sobre o sotaque e o modo de vida carioca da comunidade”. Um exemplo de transmissão cultural por parte dos migrantes é também dado: “Inspirado no trabalho desenvolvido pelo Diamante Negro, em que grande parte dos integrantes são angolanos, foi criado o grupo KinaMutembua, formado apenas por brasileiros, mas que utiliza coreografias e temas da cultura de Angola e da África em geral”, o repórter oferece uma conclusão otimista à reportagem, pois o sucesso da companhia cultural e sua difusão à grande escala constitui para ele “uma demonstração de que a “língua angolana”, expressa na sua influência sobre a cultura brasileira, mesmo após décadas de guerra, ainda é capaz de difundir a paz”.

Na sua coluna em O Globo (17/02/2013), o jornalista Mauro Ventura entrevistou o angolano Badharo, cujo percurso já acompanhamos através do documentário apresentado em introdução do capítulo. Depois de lembrar, em introdução, que o rapper é o protagonista do documentário “*Opens arms, closeddoors*”, da Al Jazeera, que “estará em 130 países”, o jornalista perguntou o motivo que levou o jovem homem a escolher o Brasil para morar, recebendo a seguinte resposta:

Eu via muita TV brasileira. Novelas, carnaval, futebol. Praia, mulheres sambando. Não tinha violência. Pensei: “Seria legal ir para o Brasil. Eles falam a mesma língua que eu. E um país com tanto negro não pode ser racista.” Imaginava que o Brasil todo era do jeito que via na TV. Cheguei e percebi que é um dos países mais racistas do mundo.

Ele contou em seguida a história da morte da jovem Zulmira, assassinada por um brasileiro o ano precedente no Brás, em São Paulo, em decorrência de uma briga devida



à injúria racial. O jornalista perguntou então se em Angola não havia violência também, recebendo em resposta que

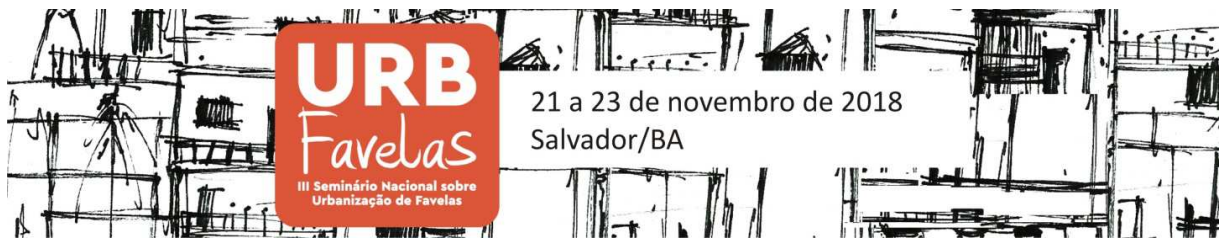
Tem miséria, fome, Aids, corrupção, mas o índice de criminalidade é muito baixo³. Cheguei aqui à Maré num domingo e, já na segunda, saindo de casa, vi um cara morto, com a família chorando. Entrei em desespero, mas meu primo falou: “Aqui só matam quem está envolvido.” Fui me habituando. O sonho de todos que chegam é ir para Copacabana, por causa das novelas. E alguns de fato foram morar lá. Mas o aluguel encareceu, tiveram que sair e vieram para cá.

O jornalista perguntou então a ele se sofria muito preconceito, ao qual Badharó respondeu que “Sim. De cor, de origem, de status social”, antes de contar várias anedotas de discriminação que se produziram no trabalho ou no ônibus. O jornalista perguntou então por último se o entrevistado pensava voltar para viver a Angola, recebendo uma resposta negativa justificada pelo matrimônio contraído com uma brasileira, mas também com o argumento de que gostava “mais do Brasil do que de qualquer outro país.” Pois, segundo ele

Os brasileiros estão mais conscientes, lutam pelos direitos humanos, pelo meio ambiente. É um país muito rico, que me ensina muito. Mesmo com racismo, a hospitalidade é grande. O país nos recebe melhor que Portugal.

Outra matéria sobre angolanos no Rio de Janeiro foi publicada pela *Deutsche Welle Brasil* no dia 26/08/2016 para sinalizar um “novo fluxo de refugiados angolanos” dirigido até a capital fluminense. A matéria lembra primeiramente que, durante o período da guerra civil em Angola, “cerca de 2.300 angolanos pediram refúgio no Estado brasileiro. A maioria era de homens e jovens, que fugiam do recrutamento forçado que os levava para lutar na guerra”. No entanto, segundo a coordenadora do Programa de Atendimento a Refugiados da Carítas, entrevistada pelo jornalista, “o segundo fluxo de refugiados vem aumentando agora nos últimos dois anos. (...) Agora os refugiados têm um perfil um pouco diferente, pois são pessoas que especialmente estão fugindo de violações de direitos humanos, e não mais por conta da guerra, e sim por violações diversas”, declarou a coordenadora antes de afirmar que “percebe-se também uma mudança no perfil. Agora a chegada é maior de mulheres com crianças”. Depois de sublinhar esta feminização dos fluxos de migração mais recentes (fato que pode ser comprovado empiricamente no campo), a reportagem apresenta dois breves

³Essa afirmação parece, no mínimo, uma exageração. Em 2016, Angola encontrava-se na 98ª posição da lista dos países mais violentos do Mundo, segundo o Índice Global de Paz, elaborado pelo Instituto para Economia e Paz. No mesmo ano, o Brasil encontrava-se na 105ª posição, isto é, em um patamar de violência muito similar no plano quantitativo.



depoimentos de angolanos que migraram mais de 20 anos atrás para fugir da violência das guerras civis. A matéria fecha com um erro fatorial, afirmando que “atualmente, cerca de mil famílias de angolanos, entre refugiados e residentes, vivem no *Complexo de Favelas do Alemão* [grifo meu], no Rio de Janeiro”, quando essa potencial presença consta de fato no complexo da Maré.

Confirmando uma das informações da matéria precedente, segundo a qual as novas migrações angolanas seriam mais feminina, o jornal *Carta Capital* publicou em primeiro de agosto de 2016, sob o título “Histórias de angolanas na Maré”, uma reportagem inicialmente produzida e publicada pelo jornal *O Cidadão*, da ONG Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (Ceasm). O lide declarava que “o conjunto de favelas na zona norte do Rio se tornou um porto seguro para imigrantes de Angola”, e o corpo da matéria fazia um breve retrato de três mulheres angolanas moradoras da Maré.

A primeira foi Licas, dona de um restaurante angolano na Vila do Pinheiro. Quando os autores perguntaram para ela se havia algo na Maré que a fazia lembrar-se de Angola, ela respondeu: “Tem! Muito angolano!”, o que permite aos autores declarar que “desde a década de 1990, há mesmo uma pequena Angola dentro da Maré”. Segue uma breve história de vida de Lica, cujo esposo militar mandou-a ir sozinha a Brasil mais de 20 anos atrás. Aprendemos que o primeiro endereço dela, durante cinco anos, foi em Copacabana (“a Copacabana que ela conhecia das imagens da televisão”, afirmam os autores), mas que por conta do custo de vida, se mudou para Maré. Ela afirmou sentir-se em casa na Maré e declarou que “o povo brasileiro é muito acolhedor. Com o povo brasileiro também me sinto como se estivesse em Angola”. A matéria explica também que, antes de tornar-se empreendedora independente na Maré, ela trabalhou num restaurante no Leblon e também como doméstica na casa de um casal de angolanos no Catete. Os jornalistas perguntaram para ela se pretende voltar viver em Angola algum dia, e ela respondeu pela negativa “Já tenho minha vida aqui no Brasil. Meus filhos estão cá, estudando. Tenho a minha casa. Pegar os seis filhos e voltar pra Angola? Isso não passa na minha cabeça”.

A segunda mulher entrevistada é a Nadja, que nasceu em Luanda, mas veio ao Brasil ainda criança. Graduanda em ciências sociais na UERJ, ela declarou ter “uma expectativa

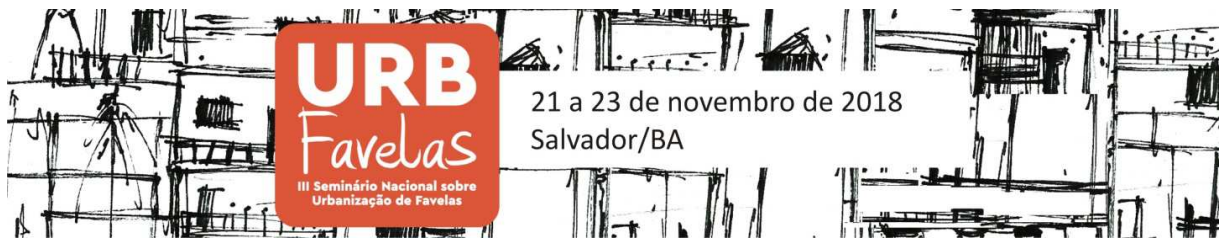


muito alta em relação à Uerj. Mesmo estando em greve, sei que é uma das melhores faculdades de Humanas”. Perguntada se pretendia voltar para Angola, ela respondeu que “Por enquanto penso em voltar para visitar. Não sei se vou morar lá”.

A terceira e última mulher é à Suridia, de 19 anos, que chegou ao Brasil recentemente “Eu vim aqui só para me formar, não para viver permanentemente. Lá tenho mãe, irmãos”, declarou. Originária do bairro de Rangel, em Luanda, ela explicou as semelhanças que encontrou com a Maré: “Rangel é um dos musseques. Lá não usamos esse termo de ‘favela’. Musseque é uma área que tem menos saneamento básico, é mais periferia”, concluindo que “a Maré é como se fosse o Rangel. As casas, como são construídas, as feiras, me lembram muito, mas aqui é mais violento.” Ela manifestou de fato certa decepção com a situação que encontrou no Rio: “O que eu sabia era que o Brasil é um país pacífico, não tem nada de racismo, já superaram. Mas não é bem assim, há preconceito, há racismo. Lá fora, você vê o Brasil como um paraíso tropical, mas aqui a gente vê que é diferente”, afirmou. Ela declarou ter se sentido “bem recebida” na Maré, mas contrastou dizendo que “fora da Maré é um pouquinho estranho. No centro da cidade, eu fui tratar de alguns documentos, entrei nunca loja e a mulher reparou meu dinheiro de uma forma muito estranha”, antes de concluir: “eu vi que todos pagaram, mas meu dinheiro ela estava reparando se era falso. Aqui na Maré me sinto bem, mas fora daqui sou estrangeira, negra”.

3 OS CONGOLESES EM BRÁS DE PINA

Fora os Angolanos, outros africanos subsaarianos residentes de favelas no Rio de Janeiro foram objetos de uma atenção jornalística recorrente: os congoleses. A primeira reportagem identificada consta na *Folha de São Paulo* (02/08/2009). Abrindo com o lide “Congolese que fugiram da guerra civil preferem deixar seu país para morar em favelas cariocas, sem família e sem emprego”, a reportagem apresenta a trajetória dolorosa de vários refugiados, que se concentram na favela Cinco Bocas, em Brás de Pina (Zona Norte do Rio de Janeiro). Com efeito, “sem falar português (a língua oficial do Congo é o francês), sem trabalho, sem família (...), resta aos africanos se instalar numa região que ao menos concentre pessoas da mesma origem”, segundo a reportagem. Outro fator para a escolha de Brás de Pina



é o dinheiro, pois segundo um pastor congolês entrevistado “Na favela ninguém paga água nem eletricidade”.

Eureka contou que com 20 anos, viajou sozinha pelo Rio depois de ter tido a casa invadida por guerrilheiro e ter sido obrigada por eles a “manter relação sexual com o próprio irmão”. A chegada ao Brasil foi desastrosa segundo o depoimento dela:

No avião, conheci um africano que me deixou com medo do Rio, dizendo que havia muito ladrão aqui. Ele se ofereceu para cuidar dos meus documentos e do meu dinheiro. Quando desembarquei fiquei muito surpresa. Nunca tinha visto pessoas brancas, a não ser no avião. E no aeroporto havia mulheres com roupas muito curtas. Fiquei olhando e o africano fugiu com minhas coisas.

Ela conta que depois de várias noites na Rua, foi finalmente “adotada” por uma africana: “Trabalho como babá e não recebo nada, mas moro e como de graça”, declarou; no que parece de fato um caso de trabalho análogo à escravidão.

Outro depoimento é aquele de Prudence, um ex-funcionária pública que fugiu de perseguições políticas depois de ter-se envolvido em operação de espionagem. Ao chegar ao Brasil, conheceu uma angolana que comentou sobre a concentração de congoleses em Brás de Pina, onde ela decidiu refazer sua vida.

Depois de recolher esses depoimentos, o jornalista afirma que “Décadas de conflito envolvendo uma miríade de grupos armados *aproximam as favelas do Rio e as selvas do Congo* [grifo meu]”. Segue um apanhado geral da situação no Congo, que lhe inspira como conclusão que “em comparação, cruzar o oceano para cair numa favela pode ser tentador”.

Em uma reportagem publicada no dia 09 de setembro de 2014 sob o título “Enraizados em Brás de Pina há uma década, congoleses têm espécie de QG no bairro”, *O Dia* constatou também a existência de uma rede de solidariedade entre refugiados congoleses estabelecidos principalmente na favela Cinco Bocas, em Brás de Pina. A reportagem afirmou que a metade dos congoleses presentes no Brasil estaria no Rio, em bairros como Central do Brasil, Madureira, Irajá e Cordovil, “mas a maior concentração está mesmo em Brás de Pina, que virou uma espécie de QG do Congo no país, sediando até cultos de religiões do país”, segundo a matéria. No momento da reportagem, uma associação tentava se formalizar para organizar aspectos tanto práticos como culturais da vida dos refugiados angolanos, sendo que



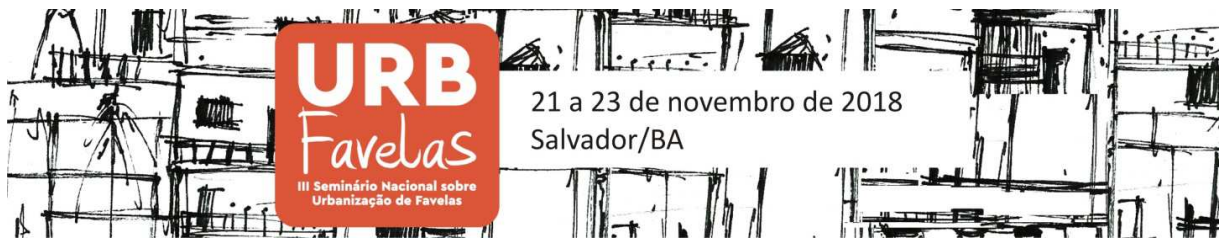
o acesso ao emprego continuava a prioridade desses migrantes. “Os negros brasileiros já têm dificuldade para viver e conseguir emprego no Brasil. Imagina os estrangeiros? Quando tem aquele rótulo de ‘refugiado’, é ainda pior”, declarou uma fonte.

Em tom parecido, *O Globo* (19/06/2016) descreveu “O sofrimento silencioso dos refugiados do Congo em Brás de Pina”, afirmando no lide que o “Conflito que já matou cinco milhões no país africano fez comunidade carioca triplicar nos últimos três anos”. A reportagem traz o depoimento de um jovem trabalhador:

Já passei fome até chorar no Rio, vomitando água, que é o que tinha na barriga. Se eu não fizer um curso técnico, daqui a 30 anos ainda estarei descarregando caminhão. (...) Nunca esperei uma vida de novela, mas para nós só oferecem trabalho braçal. Os congoleses estão sofrendo em silêncio.

A reportagem continua descrevendo o difícil cotidiano desses migrantes, afirmando que “a maioria nunca viu de perto a estátua do Cristo, e o mar ainda menos”. O jornalista declara também que “conhecido antigamente como ‘a Princesinha da Leopoldina’, Brás de Pina virou reduto dos congoleses”, no que poderia ser interpretado como a hipótese de uma perda de valor do bairro por conta da presença dos migrantes. A reportagem afirma que “os que não conseguem alugar uma casa na favela Cinco Bocas (um conjugado custa R\$ 450 por mês) acabam indo morar em comunidades de Madureira ou no Jardim Gramacho, em Caxias, perto do antigo lixão.” Mas, a importância presumida de se concentrar entre conterrâneos é destacada, já que segundo o jornalista “sempre que possível, eles se mudam para Brás, onde encontram abrigo em um salão de beleza que vira bar à noite e nos rostos conhecidos.” O fator da solidariedade é tido como essencial, inclusive na prática religiosa, pois “um dos pontos de encontro é a Assembleia de Deus Betesda Internacional, frequentada principalmente por congoleses, com cultos em lingala. A igreja costuma distribuir cestas básicas, e muitos não teriam o que comer não fossem as doações”.

A dificuldade de inserção no mercado laboral é confirmada pela coordenadora de atendimento a refugiados da Cáritas Rio, Aline Thuller, que afirma ao jornalista que a maioria dos congoleses presentes no Rio possui curso superior, mas se deparam aqui com um país racista. Ela afirma: “Já conversei com um empresário que só queria africanos para trabalhar



com carga e descarga. Infelizmente, existe diferença entre refugiados brancos e negros. Os sírios têm muito mais facilidade para conseguir trabalho”.

Uma reportagem publicada recentemente (12/04/2018) no portal da *EBC* nos permite surpreendentemente realizar uma ligação entre as duas comunidades de migrantes examinadas em esta subseção (angolanos e congoleses) e — também — terminar ela sobre uma nota mais positiva. A matéria, intitulada “Zola Star: músico africano cria rede de imigrantes no Brasil” é acompanhada de uma reportagem vídeo de 27:48 minutos produzida pela *TV Brasil*, veículo da *EBC*. O artista Zola Star, que nasceu no Congo, mas de pai angolano, chegou em 1993 no Rio de Janeiro. Ele conta que viveu primeiro no Centro antes de mudar em Brás de Pina depois do nascimento da primeira filha, para ter mais espaço. A matéria afirma que “Passadas mais de duas décadas, Zola é hoje uma referência para outros imigrantes que se instalaram em Brás de Pina.” Com músicas autorais cantadas em Lingala e Kikongo (dialetos centro-africanos), assim como em português, o artista se sente investido da missão de trazer a cultura africana no Brasil. Ele declara que “Todo jovem que está em Angola se inspira muito com as coisas que passam no Brasil... os atores e os artistas brasileiros vão muito lá em Angola”, declarou frente à câmera, “Aí nós na época falamos que também tenhamos que levar nosso trabalho pro Brasil. Os brasileiros têm que conhecer que que é a música africana”. Ele se mostrou confiante no fato de que existe um mercado pela música africana no Brasil e afirmou “Eu sei que as pessoas gostam, cada lugar que estou fazendo show, as pessoas piram com aquilo”. Contrário a outros depoimentos de conterrâneos, ele afirma que “o Povo brasileiro tem bom coração, recebe as pessoas, nós africanos sentimos que estamos em casa” e expressa finalmente seu reconhecimento ao Brasil: “Eu sou metade brasileiro, minha vida começou a se construir nesse país. Brasil é a minha mãe. Me recolheu para ser essa pessoa que sou hoje”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base em uma análise dos conteúdos e uma classificação por temas, é possível dizer que os discursos sobre africanos morando nas favelas do Rio de Janeiro oscilam geralmente entre miserabilismo, compaixão e estigmatização criminal. No trabalho de campo em curso em Maré, pude constatar que o assunto dos “acontecimentos” de 2010 (cf p. 6) é ainda regularmente mencionado(de forma espontânea) pelos sujeitos angolanos, que evocam



essas suspeitas generalizadas em contra deles com uma magoa ainda viva. A semana que surgiu outro escândalo de possível tráfico de criança envolvendo um suspeito angolano (cf p. 10), ouvi uma mulher angolana na Maré mencionar em uma conversa o caso para outra: “que que vão inventar de novo contra a gente?”, perguntou.

Em todos os casos negativos aqui relatados — sem pôr em dúvida a gravidade dos crimes imputados, nem diluir a eventual responsabilidade dos suspeitos — é possível questionar a escolha dos jornalistas de continuar designando os suspeitos sob o simples gentílico correspondente à nacionalidade deles, e até com categorias mais genéricas como “africanos” ou ainda “estrangeiros”. Com efeito, muitos dos sujeitos aqui suspeitados pareciam ter residência permanente no Brasil há anos, ou décadas; vários deles tendo provavelmente sido naturalizados brasileiros. Nessas circunstâncias, a utilização do gentílico de origem tende a agravar a estigmatização do conjunto de uma importante população migrante que, na sua esmagadora maioria, não está envolvida em atividades ilícitas. Essas designações dos sujeitos estrangeiros com termos que remetem à origem deles podem certamente contribuir à consolidação de percepções racistas, já de por si só profundamente ancoradas no inconsciente coletivo. A fim de evitar amálgamas, essas designações deveriam ser usadas com mais precauções pelos comunicadores. Ou, melhor ainda, simplesmente evitadas na medida em que não são indispensáveis à compreensão do caso.

Os indivíduos migrantes aqui em foco chegaram ao Brasil muitas vezes em condições difíceis. Por essa razão, se concentraram em favelas, espaços que proporcionam tradicionalmente uma opção de moradia às classes populares. Eles sofrem de uma forte estigmatização dentro da sociedade brasileira. Atitudes e observações discriminatórias contra esses migrantes, aos quais é frequentemente atribuída uma africanidade indesejável, podem vir tanto do exterior como dos próprios moradores “nativos” das favelas em questão. Com efeito, esses últimos são às vezes imbuídos de concepções fóbicas semelhantes às quais eles mesmos estão tradicionalmente submetidos, e tendem a procurar uma identificação com as camadas superiores da população (SOUZA, 2012). Essa configuração social coloca os migrantes em foco em uma situação de triplo grau de alteridade. Africanos, negros e



favelados, se encontram no centro de uma intrincada lógica de interseccionalidade das discriminações.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. de; VAZ, L F. Sobre a origem das favelas. In: ENCONTRO NACIONAL DO ANPUR, 4., 1991, Salvador. **Anais...** Salvador: ANPUR, 28-31 maio 1991. p. 481-492.

CAMPOS, G. B. de. **Dois séculos de imigração no Brasil**: a construção da imagem e papel social dos estrangeiros pela imprensa entre 1808 e 2015. 544 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

LAMAS, M. de F. **Jornalismo popular e violência**: Wagner Montes e o discurso na incitação ao Estado policaiesco. 83 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social/Jornalismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

PETRUS, M. R. **Emigrar de Angola e imigrar no Brasil** : jovens imigrantes angolanos no Rio de Janeiro: história(s), trajetórias e redes sociais. 250f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) — IPPUR/UFRJ, Rio de Janeiro, 2001.

SOUZA, J. **Os batalhadores brasileiros**: Nova classe média ou nova classe trabalhadora? Belo Horizonte: UFMG, 2010. 404 p.

TANNURI, M. R. P. **Refugiados congolezes no Rio de Janeiro e dinâmicas de “integração local”**: das ações institucionais e políticas públicas aos recursos relacionais das redes sociais”. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) — IPPUR/UFRJ, Rio de Janeiro, 2010.